



Luís Crespo de Andrade

SOL NASCENTE

Da cultura republicana e anarquista
ao neo-realismo

Depoimento de Armando Bacelar*

Em 1939 (fins) ou 1940 (princípios), a Censura ordenou por simples carta a cessação da edição de várias publicações de esquerda conotadas com os comunistas, entre as quais *O Diabo*, de Lisboa, *O Trabalho*, de Viseu, etc., mas não da *República* e da *Seara Nova*, de Lisboa, e o *Pensamento*, do Porto – mas este último viria a ser suspenso cerca de um ano depois, porque entretanto os mesmos colaboradores do *Sol Nascente*, *O Diabo*, etc., tomaram a sua direcção –, que prosseguiram a sua publicação.

As direcções de *O Diabo* e *Sol Nascente*, pelo menos a partir de certa altura, faziam reuniões de coordenação, ora em Lisboa ora em Coimbra, informais e sem periodicidade certa, em que intervinham Fernando Piteira Santos, Mário Dionísio, Manuel Campos Lima, Manuel da Fonseca, Fernando Pinto Loureiro, Joaquim Namorado, Jofre Amaral Nogueira, Fernando Sá Marta, José Ferreira Monte, Armando Bacelar e outros.

No *Sol Nascente* e publicações dessa época, os cortes da censura eram constantes e arbitrários. Havia certos termos e expressões que eram sistematicamente cortados, senão todo o escrito, de maneira que careciam duma adaptação prévia à ida à censura, onde o que era tabu não fosse usado, ou pelos próprios signatários ou pela redacção, quando autorizada. Por exemplo, para citar um caso, numa nota sobre Federico García Lorca, Joaquim Namorado escreveu que o lirismo de Santos Chocano agonizava “lambendo os pés da tirania”; mas, para evitar o corte que a palavra “tirania” acarretava, o José Martins, já no Porto, substituiu a palavra “tirania” por “espírito de classe”; e assim passou e saiu: “lambendo os pés do espírito de classe”. Em artigo de Abel Salazar falava-se de “materialismo dialéctico”, mas ele para evitar o corte certo escrevia “diamat” e passava, porque não entendiam. Para aludir ao reaccionarismo escrevia-se “retrocederismo”. Um texto de Marx e Engels sobre o seu sistema filosófico saiu como do filósofo Karl Friedrich, e passou, etc., etc.

Recorria-se frequentemente ao uso de pseudónimos para encobrir a identidade dos autores, a fim de terem maior liberdade para outras acti-

* Extractos de nota manuscrita, na posse do autor.

vidades perseguidas. Assim, Fernando Marta era Luís Vieira, Fernando Pinto Loureiro era Rodrigo Soares, o autor desta nota Carlos Relvas, o José Augusto da Silva Martins era Carlos Serra, Rui Feijó assinava Rui Monteiro, Luís Albuquerque dava por J. Sousa Mendes, etc., etc.